



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

ERA UMA VEZ NA POESIA: O EU LÍRICO E A FANTASIA EM POEMAS DE LENILDE FREITAS

Livramento Fernanda de Lima Araújo¹

Claudenice da Silva Souza²

José Hélder Pinheiro Alves (orientador)³

¹ *Universidade Federal de Campina Grande*, livfernanda2@gmail.com

² *Universidade Federal de Campina Grande*, clau909silva@gmail.com

³ *Universidade Federal de Campina Grande*, herder.pinalves@gmail.com

Príncipes e princesas, castelos e reinos, romances e finais felizes fazem parte do imaginário de crianças e jovens. Independente da época essa temática estará presente em alguma fase de suas vidas abrilhantando-as. Na prosa e na poesia, esses temas vez ou outra reaparecem, com elementos inovadores que tratam dos sentimentos de forma contemplativa e cativante. Este trabalho objetiva refletir sobre quatro poemas de Lenilde Freitas, que aludem a alguns contos de fadas: “Rapunzel”, “João e Maria”, “Cinderela” e “Era uma vez”, demonstrando a intertextualidade que estes apresentam com os contos clássicos. Por pertencerem ao livro *A casa encantada* (2009), os poemas têm aspectos que se ligam ao público infanto-juvenil e dialogam com o imaginário e com algumas peculiares do mundo mágico e envolvente que se cria nas joviais mentes. É, por isso, um momento de análise e de reflexão sobre o eu lírico e o mundo das narrativas fantásticas, pretende-se pensar em que momentos o lírico concorda com os finais felizes, por exemplo, como também em que pontos destoam e creem no inverso daquilo que têm os contos de fadas. Do ponto de vista teórico, nos apoiamos nas reflexões de Coelho (1981) sobre conto de fada, em Alves (2013, 2014) sobre a poesia de Lenilde Freitas, bem como Cândido (1996) sobre a poesia lírica. Por fim, trataremos de abordar algumas possíveis sugestões para o ensino sobre os poemas e contos de fadas em turmas do ensino fundamental.

Palavras-chave: Lenilde Freitas, poesia infantil, conto de fadas.



Introdução

É comum vermos discussões sobre a falta de interesse que os adolescentes demonstram ter em relação aos estudos como um todo e, principalmente, em relação ao estudo de literatura e, ainda mais, da poesia. Os motivos recaem quase sempre na preguiça que eles dizem sentir para estudar coisas que não são nem um pouco interessantes e que não servirão para nada em suas vidas no futuro.

Tendo em vista que os alunos adolescentes vivem um período de formação de suas identidades rumo à independência e à vida adulta, a escola, vista pelo viés da obrigatoriedade, não causa a empolgação necessária para o desenvolvimento do interesse dos mesmos. O que dizer, então, dos textos e poemas lidos em sala? São muitas as respostas e sugestões que podem servir de explicação para esse questionamento. Acreditamos que a maneira como o professor apresenta os poemas tem grande influência no interesse ou na falta dele.

Por isso, nosso estudo pretende levar ao conhecimento do meio educacional poemas de uma poetisa que talvez muitos não conheçam, a paraibana Lenilde Freitas. Nossa escolha se justifica pelo fato de que os poemas relembram em muitos aspectos os contos clássicos tão conhecidos, que são passados de geração para geração. Tendo em vista essa intertextualidade e principalmente o grande valor poético da autora, defendemos que a apresentação deles com o auxílio de um modo adequado de trabalho poderá possibilitar um envolvimento que ultrapasse a superficialidade de leituras vagas e monótonas que muitas vezes ocorrem e condicionam o aluno a acreditar que a poesia não tem sentido e muito menos importância.

O estudo tem início com uma breve discussão acerca da problemática do interesse dos alunos com relação à leitura de poesia ao mesmo tempo em que discutimos um pouco sobre a necessidade de se procurar formas mais atrativas e menos mecânicas para o trabalho com a poesia. Em seguida, fazemos uma análise dos poemas escolhidos atentando para os sentimentos do eu lírico como também dos diversos caminhos trazidos por cada poema. É nesse momento de nosso estudo que procuramos as relações existentes entre os poemas e os contos clássicos. Partimos, então, para a nossa sugestão didática de abordagem dos poemas lenildianos, na qual expomos meios de se trabalhar com a poesia de modo menos cimentado e mais contemplativo. Por fim, seguem as nossas considerações finais.



2. Uma breve discussão sobre o trabalho com a poesia

Para começarmos nossa discussão acerca da problemática, a voz de um especialista:

Nem sempre se oferecem textos que possibilitem além do mirar-se naquela experiência simbólica, um **alargamento de visão** no que está sendo vivido, uma descoberta de outras possibilidades de vivência afetiva. O risco de moralizar sobre o que está sendo vivido deve ser evitado. **O texto poético não deve servir de pretextos moralizantes.** (Alves, 2007, p. 21, grifo nosso)

Ora, se os adolescentes já fogem dos discursos moralizantes proferidos pela família e pela sociedade como um todo, como eles irão reagir diante de um material que possibilita a vivência do mesmo contexto em que já se encontram situados diariamente? Passados desta forma, os textos servem apenas como instrumentos de exemplificação para a boa conduta. Assim, os alunos não chegam a conhecer a literatura nem a poesia, de fato, porque não lhes são apresentadas de forma cativante, mesmo que as leiam cotidianamente nos livros didáticos. Na verdade, utilizar um texto ou um poema para ditar as boas regras da sociedade é tirar a beleza e a significação que os rodeiam.

Sendo assim, os textos que forem escolhidos para a sala de aula precisam ir além das simples informações facilmente detectáveis e pouco significativas, pois devem contribuir para um alargamento de visão, como defende Alves (2007), e uma ampliação dos sentidos dos textos que possam levar à reflexão sobre a própria vida e uma consequente atração por eles. Trata-se, portanto, de ir à procura de “uma prática que se define por oferecer textos que possibilitem uma convivência mais sensível com o outro, consigo mesmo, com os fatos do cotidiano, com a vida e com a linguagem, enfim” (ALVES, 2007, p. 101). Dessa forma, acreditamos que haverá maior envolvimento com o que for levado para a sala e os adolescentes poderão tirar melhor proveito do material.

Os alunos às vezes têm dificuldade em gostar de Drummond, por exemplo, e os professores não compreendem, explica o autor, que esse não gostar se dá pelo fato de que eles não chegaram a conhecer de forma aprofundada e/ou adequada a poesia. Sendo assim, é dever do professor possibilitar uma experiência promissora, pois é direito de todos o acesso ao conhecimento da poesia, pois é ele quem conhece os gostos dos alunos com os quais trabalha e pode dizer, de fato, o que é mais pertinente e poderá estimular discussões e provocar um verdadeiro interesse pela permanência das leituras do texto poético.

Os poemas que veremos a seguir têm muito a contribuir com o imaginário dos jovens, pois trazem temáticas que eles já conhecem desde a infância de forma atualizada. Então, acreditamos que apresentá-los aos alunos pode servir como porta de entrada para o desenvolvimento do gosto pela poesia, a partir do modo como a poetisa ressignifica os clássicos contos de fadas em forma de poesia. Provocando, assim, reflexões acerca dos sentimentos do eu lírico e das relações atuais representadas em Lenilde Freitas.



3. Os poemas

Vamos aos poemas:

Rapunzel

Lá de cima a lua joga
sua trança amarelada
carretel desenrolando
a sorte que me foi dada
de subir em meio ao pó
de ouro dessa estrada
feita de muita luz
de luz somente e mais nada.
E isso é só o que quer
meu coração de criança:
ficar preso a essa trança
para sempre iluminada.

A lua é a própria Rapunzel jogando suas tranças, que, lá de cima, ilumina a solidão do eu lírico. A intertextualidade com o conto se revela desde o título até à cor da trança, já que a personagem principal do conto é loira e o brilho da lua é amarelado – para se utilizar de um adjetivo do poema. Não é uma lua qualquer, porque é revestida de grande significação, a partir da metáfora desta enquanto um carretel que desenrola a sorte do eu lírico, de certa forma responsabiliza-a pelos seus caminhos.

Como vemos, o destino do eu lírico é “subir em meio ao pó”, como que a revelar a perseverança diante das incertezas, seguir em meio ao inconstante. Traçando uma ponte com as narrativas fantasiosas, percebemos que há nelas uma tendência marcante de atribuição de fatos da vida a algo irremediável. Coelho (1981, p. 297) ao falar sobre as constâncias dos contos maravilhosos destaca que

Destino, Determinismo, Fado... são presenças também constantes e reiteradas nas histórias maravilhosas, onde tudo parece determinado a acontecer como uma fatalidade a que ninguém pode escapar. Muitos são os aspectos que essa fatalidade pode assumir: o de uma bruxa, de estrelas, de “voz não identificada”, anjo do céu, feitiças...

Portanto, no poema de Lenilde também há a referência a esse aspecto do conto maravilhoso, porém não repete um elemento usual típico de narrativas dessa natureza, porque, como percebemos no poema, a lua é o objeto que parece ser responsável pelo desenrolar do destino do eu lírico, pois é algo peculiar. Ele irá em meio a tal sina pela estrada que se torna concreta no poema, mesmo sendo feita de pó – elemento solúvel, insubstancial. A locução adjetiva **de ouro** do sexto verso atribui valor a esse pó e talvez remeta novamente à cor dos cabelos de Rapunzel. A estrada pela qual o eu lírico segue tem cor de ouro, porque é “feita de muita luz”, é reluzente.



O oitavo verso reafirma e restringe a tessitura da estrada, pois é feita de muita luz, mas luz apenas, como que a dizer que a esperança não faltará, mas não passará disso. O pronome demonstrativo no nono verso afirma novamente a importância da luz na vida do eu lírico: “E **isso** é só o que quer”, não busca nada além da luz resplandecente da lua para iluminar a sua existência, e isso lhe basta.

Os últimos quatro versos são uma espécie de fechamento, no qual ele fala de seu coração infantil, inocente. O eu lírico optou por permanecer envolto no sonho, na magia de crer em finais felizes, de “ficar preso a essa trança”, de enxergar a lua como uma companhia, que o acolhe e o envolve em esperança, esse é o desejo dele.

Vejamos o segundo poema:

Cinderela

E eis que no tempo devido
o calor volteando o quarteirão
um cavaleiro apeará:
não lá fora, como é devido
mas dentro do teu coração.

O eu lírico delimita o tempo de um acontecimento. Não será qualquer coisa, mas sim em um tempo pré-determinado. O segundo verso alimenta a expectativa do que ocorrerá no tempo devido no momento em que ambientaliza a situação de chegada a partir da personificação do substantivo **calor**. Notamos, assim como já foi citado no poema “Rapunzel”, a força que o destino exerce na vida do eu lírico. E no terceiro verso é revelado o que deve acontecer do tempo determinado, “um cavaleiro apeará”.

Esse fato pode remontar profecias presentes nos contos maravilhosos, como por exemplo, o furo no dedo, ocasionado pela roca de fiar, da bela adormecida em um tempo profético. Coelho (1981), destacando os valores ideológicos em que se assentam as narrativas dos Grimm, afirma que no predomínio dos valores humanistas há a “valorização da *palavra dada* que, em hipótese alguma poderá ser quebrada” (p.298, grifo do autor).

A partir dos versos, tem-se a percepção do encontro de elementos pertencentes a épocas distintas, um quarteirão remete-nos a ruas e a cidades, um cavaleiro apeando faz-nos retroceder aos tempos medievais, a épocas vividas por príncipes – heróis que cavalgavam e salvavam suas belas e desprotegidas princesas, que os esperavam em busca dos finais felizes.



Como se fosse uma profecia, o amor virá no tempo devido, palavra esta repetida duas vezes no poema. Presume-se, então, uma serenidade em relação ao momento em que o amor pode ocorrer. Percebe-se que a palavra é disponibilizada em instantes diferentes, na primeira vez é posta no início caracterizando o tempo; na segunda, indica o lugar no qual deveria apear. Contudo, a adversativa que inicia o último verso estabelece o espaço não-dimensional citado no poema: o coração, revelando o emocional. A mudança de espaço dentro do poema se configura como uma espécie de tele transporte, o mágico se instala, pois o cavaleiro apeará no coração daquele para quem o eu lírico fala.

Passamos agora para o terceiro poema:

João e Maria

Ficaram

– por esquecimento –

atrás do monte as pedrinhas

que marcariam o caminho

e agora não posso ler

o que não escrevi no chão.

No pânico, uma alegria:

lua além do horizonte, teus olhos

me servem de guia.

O primeiro verso é apenas uma palavra, mas que expressa o sentido de passado e de permanência nesse passado situado no contexto do poema, é um verbo conjugado no pretérito perfeito do indicativo, na terceira pessoa do plural. O eu lírico enfatiza por meio dos travessões e justifica logo no segundo verso que não tinha a pretensão – foi quase como um deslize, sem querer – de deixar que as pedrinhas ficassem para trás.

No conto João e Maria, os personagens, para tentar encontrar o caminho de volta para casa, deixam pedrinhas pelo caminho. Esse é o desafio deles que se configura como uma das variantes estruturais que Coelho (1981) aponta em relação aos contos dos Grimm. Então, pela intertextualidade do poema em relação ao conto, o eu lírico pretendia encontrar o caminho de volta, porém, não foi possível porque as pedrinhas – assim mesmo no diminutivo, para ser fiel ao conto – ficaram atrás do monte. As pedras significam – tanto no poema quanto no conto – um meio de retornar, uma chance, a esperança. No conto, os meninos conseguem voltar para casa por causa da trilha de pedrinhas formada ao longo do caminho no decorrer da floresta. Mas no poema, não há



uma estrada pela qual o eu lírico possa seguir o seu rumo, pois o que poderia fazer com que ele retornasse à jornada foi esquecido atrás do **monte**, ou seja, o desafio é revestido de nova significação. Esse objeto que poderia dar uma certeza de retorno não chegou a ser depositado ao longo do caminho, foi esquecido.

No conto, da primeira vez em que os meninos são jogados na floresta, eles conseguem retornar por causa das pedras que demarcaram o itinerário. Porém, no poema, há um empecilho a mais: o monte – que não existe no conto. As pedras marcariam esse caminho de volta do eu lírico. O verbo no futuro do pretérito demonstra esse fato que não chegou a acontecer. O caminho não foi marcado, as pedras não foram depositadas, porque ficaram atrás de um monte. Há barreiras que o eu lírico não consegue transpor. Não é possível trilhar o caminho que não foi definido: “e agora não posso ler / o que não escrevi no chão”. O sentimento de medo das duas crianças, personagens do conto, também está presente sob a forma de aflição no eu lírico que, por não ter um rumo a ser seguido diante das linhas que não foram riscadas no chão, vê-se triste, e só há uma satisfação possível: os olhos de alguém a quem esse eu lírico se dirige nos versos finais do poema.

Em meio à tristeza das coisas não realizadas há a consolação de poder, ainda assim, crer em uma colaboração para trilhar um possível caminho que não havia sido definido por ele. Os versos finais do poema revelam uma luz a qual o eu lírico segue confiante e grato pelo auxílio. É um outro alargando as possibilidades até então restritas pela não tessitura do caminho. Os olhos, como a lua, iluminam e orientam a vida do eu lírico.

No conto, a lua aparece também como guia, aquilo que ajudará os meninos a voltarem para casa. Ao ser perguntado sobre o modo como sairiam daquele lugar, João acalma a irmã assegurando-lhe que quando a lua surgisse no céu a estrada feita de pedrinhas que o menino jogara pela floresta seria iluminada e eles conseguiriam voltar. Esse astro luminoso, portanto, é segurança de retorno: “Quando a lua cheia se levantou no céu, João pegou a irmãzinha pela mão e os dois seguiram a trilha de pedrinhas brancas que brilhavam ao luar e iluminavam o caminho de casa” (IRMÃOS GRIMM, p. 15).

Por fim:

Era uma vez

Era uma vez uma princesa
que se cansou de esperar
o príncipe que jamais veio
por não saber retornar



ao reino da incerteza
aonde iriam morar.

O poema começa com a forma usual dos contos de fada clássicos. Mas, o segundo verso desmistifica a princesa tradicional, pois esta cansou de esperar por um príncipe que nunca chegou a aparecer de fato. Ele não saberia o caminho de retorno se chegasse até ela. Diferentemente das narrativas do fantástico-maravilhoso, nos quais, como aponta Coelho (1981, p.295), “a característica básica de tais narrativas (qualquer que seja sua espécie literária) é a de apresentar uma problemática simples e bem configurada, desenvolvida em unidades narrativas que se sucedem praticamente iguais entre si”, pois a princesa sempre está a esperar pelo homem amado e este sempre se dispõe a lutar por ela, o príncipe do poema não vai ao encontro da amada. O homem, que usualmente é o provedor e o responsável pela garantia de futuro do casal, não sabe onde eles porventura morariam. Essa imagem de habitação está situada no reino da incerteza.

Como vimos, em “Rapunzel”, a aspiração do eu lírico tende à tristeza e à resignação, tendo em vista o seu apego emocional à lua, que parece protegê-lo e guiá-lo, tendo o comando do seu destino, amenizando assim a solidão que lhe invade e que parece fazer parte de sua existência permanentemente. Como em “Rapunzel”, “Cinderela”, o segundo poema aqui citado, também tem a presença do destino exercendo seu poder. Naquele, há alguém que segue em meio ao pó de ouro da estrada e neste há a profecia de que um cavaleiro aparecerá, ou seja, em ambos existe um caminho já traçado sobre o qual não se pode desviar a rota, é inevitável fugir do predeterminado, seja esse através da metáfora do carretel que desenrola a sorte do eu lírico ou o coração como lugar de chegada e permanência. Quando lemos, adiante, “João e Maria” percebemos que a ideia de caminho – tema recorrente nos poemas aqui lidos e discutidos – é apresentada sob a forma de impedimento tendo em vista que o eu lírico passa por obstáculos, pois não há pedras que possam lhe indicar um itinerário. O que aparece nos poemas já vistos e podem indicar uma espécie de segurança para os eu líricos também tem relevância no poema “João e Maria”, pois neste há os olhos de um ser para quem ele se volta em meio ao desespero. Esses olhos são a metáfora da lua além do horizonte que podem assegurar um rumo a ser seguido. “Era uma vez”, último poema de nossa análise, traz uma princesa atualizada nos moldes contemporâneos das relações amorosas, já que não espera pelo príncipe, sendo que este também não foi até ela por não saber sobre um futuro concreto para ambos. Isto é, o caminho neste poema destoa do que classicamente se apresenta nos contos, o final feliz não ocorre, o que não quer dizer que eles não sejam felizes com os destinos que escolheram traçar. Em “Era uma vez” existe um aspecto que diverge dos outros poemas, pois a princesa e o príncipe



decidem não se subjugar ao porvir, que já era previsto de acordo com o que se tem nos contos de fadas: um início determinado, um meio estabelecido e um fim planejado.

4. Os poemas de Lenilde e a sala de aula: uma sugestão

Depois de lermos e discutirmos acerca dos poemas de Lenilde, montaremos a nossa proposta que visa sugerir um modo dentre muitos de trabalhá-los na sala de aula. A base teórica da qual nos utilizamos para tal é a sequência básica de letramento literário apresentada por Cosson (2014), que é composta por quatro momentos distintos e necessários: a motivação, a introdução, a leitura e a interpretação.

Para que os alunos tenham interesse pelo que será lido é necessário que o professor realize com a classe uma boa motivação, primeiro ponto da sequência. Para que isso seja possível, pensamos que será bastante interessante conversar inicialmente com a turma sobre os contos clássicos e levar uma rápida leitura de um conto dentre os muitos que existem. É importante que o/a professor/a questione sobre os personagens dessas histórias, sobre os aspectos que sempre se repetem e se há aspectos divergentes em cada conto. A discussão pode ir um pouco além com a entrada de perguntas sobre a crença em finais felizes antigamente e na atualidade.

Em relação à introdução, Cosson (2014, p. 61) adverte que ela “não pode se estender muito, uma vez que sua função é apenas permitir que o aluno receba a obra de uma maneira positiva”. Portanto, faz-se necessário que o/a professor/a não se detenha a minúcias ou informações que em nada acrescentam na vida dos discentes, mas sim que conte fatos que possam aguçar a curiosidade dos alunos introduzindo-os no conteúdo poético que será abordado. Em seguida, o autor aconselha que se faça um breve apanhado sobre o que será lido atribuindo valor e importância aos poemas selecionados. Como na motivação se falou sobre contos clássicos é bom aguçar a curiosidade da turma em relação ao conteúdo do que será trabalhado apontando, por exemplo, que os poemas estão relacionados aos contos anteriormente comentados.

Passada a leitura silenciosa dos poemas, pode ser pedido para que alguém os leia em voz alta, depois o/a professor/a pode lê-los e pedir a outro aluno que os leia para que as imagens sejam mais bem vistas e os significados ecoem dentro do leitor. Não há problema em repetir a leitura, mas, claro, sem ser realizada de forma fatídica e não leve ao desgaste antes mesmo de se comentar os textos.

Não é preciso sugerir que se tenha um momento de livre compartilhamento das ideias e



entendimentos gerados a partir da leitura, pois esse é um momento insubstituível e imprescindível no estudo dos textos artísticos – tanto literários quanto poéticos – tendo em vista que a discussão faz com que as visões sobre o que foi lido sejam ampliadas. Discorrer livremente em relação aos poemas auxilia no entendimento e facilita a realização do objetivo da leitura, que é a percepção dos pontos em que os poemas se assemelham aos contos e os momentos em que divergem.

O momento externo é a parte da interpretação em que os alunos devem expor, como destaca o autor, o que aprenderam e apreenderam a partir da leitura dos poemas. Por isso, sugerimos a montagem de uma pequena dramatização com as temáticas percebidas ao longo da discussão realizadas. Dependendo da quantidade de alunos na turma, o/a professor/a pode pensar na organização em quatro grupos, já que foram quatro os poemas abordados. Sendo assim, o/a professor/a deve dar liberdade para que os alunos preparem a apresentação e que possam expandir os sentidos dos poemas.

É preciso focar nos significados que os poemas têm, pois não se pode perder de vista a importância da poesia pela poesia, ou seja, o prazer de compreender do que fala um texto poético e quais os sentimentos que se percebem a partir da provocação da sensibilidade de cada um. Por isso, a execução da proposta de apresentação das peças teatrais tem como objetivo a demonstração leve, prazerosa e lúdica do conhecimento adquirido a partir do contato com os poemas.

Considerações finais

Pelo que podemos perceber, os poemas dialogam em inúmeros momentos com os contos clássicos, ainda de maneira mais bela, por se tratar da forma como estão presentes na poesia descobrindo locais mais íntimos e delicados da subjetividade humana. A poetisa consegue tratar do mundo mágico dos contos e transportá-los para os desejos humanos elucidando-os.

Como foi visto, os eu líricos são dotados de uma esperança, de continuidade que faz lembrar o sentimento de felicidade que os contos trazem. Embora nos poemas isso se mostre de modo menos fantasioso e mais humano, distanciando-se assim do *felizes para sempre*. Por isso a atenção do leitor é fisgada, tem-se uma necessidade de refletir acerca da resignificação e atuação que a poetisa Lenilde Freitas faz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

ALVES, José Helder Pinheiro. **A condição feminina em Esboço de Eva, de Lenilde Freitas.** Letras em Revista, Teresina, v. 02, n. 02, jul./dez. 2011.

_____ **Poesia na sala de aula.** Campina Grande: Bagagem, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** – 2. ed; 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

FREITAS, Lenilde. **A casa encantada.** São Paulo: Scortecci Editora, 2009.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br